



## Trabalhos Científicos

**Título:** Análise Da Morbimortalidade De Acidentes Com Animais Peçonhentos Classificados Como Graves Na Faixa Etária Pediátrica Brasileira, Entre 2019 E 2023.

**Autores:** PIETRO FRANÇA ALMEIDA DE CARVALHO (ZARNS), BARBARA SIMONE DAVID FERREIRA (ZARNS), IGOR MACEDO PINTO (UNIVERSIDADE SALVADOR), GABRIELLE OLIVEIRA SILVA (UNIVERSIDADE SALVADOR), MAITÊ COSTA BARROS (UNIDOMPEDRO ), GABRIELA LOULA DOURADO DO NASIMENTO (FACULDADE BAHIANA DE MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA)

**Resumo:** Introdução: Aranhas, serpentes e escorpiões são os principais peçonhentos, e, de acordo com a toxicidade do animal e o grau de acometimento/resposta do indivíduo em relação à dose inoculada, além do risco de anafilaxia, os acidentes são classificados como leves, moderados ou graves.<br>Objetivos: Analisar o perfil de morbimortalidade dos casos graves de acidentes peçonhentos na população pediátrica brasileira. <br>Metodologia: Estudo transversal, retrospectivo e descritivo, a partir de dados agregados estratificados por região, sexo, faixa etária, raça, internamentos e óbitos por ataque de aranhas, escorpiões e serpentes disponibilizados pelo sistema de morbidade hospitalar, SIH/SUS - DATASUS, de 01/2019 a 12/2023, excluídos quaisquer dados fora destes. Para análise de dados, foi utilizado o software Microsoft Office Excel 2016. <br>Resultados: Foram notificados 283.446 casos de acidentes por animais peçonhentos, sendo o maior acometimento geral em meninos, 54%, pardos, 53,8%, no Nordeste, 39,8% e entre 15-19 anos, 30,5%. Destes casos, 7.078 foram classificados graves, 2,5%, com 83,4% evoluindo para cura completa e 0,03% para óbito pelo agravo. Na totalidade, quanto à morbidade e mortalidade, respectivamente, temos a maior incidência no Sudeste , 54,7%-53,6%, pardos, 53,9%-54,5%, meninos, 60,3%-55%, entre 1-4 anos, 34%-41,6%. No quadro evolutivo das internações, notou-se que os lactentes menores de 1 ano atendidos após 24h do evento, evoluíram com gravidade em cerca de 3% dos casos, com 15% de óbito, sendo que 13% dos óbitos não receberam soroterapia. Quanto aos adolescentes, no mesmo tempo de atendimento, 2,5% evoluíram graves, e apenas 1,1% foram a óbito, mas desses 6% não tiveram soroterapia. Infelizmente, não há dados sobre o tempo de instituição de soroterapia, nem especificação de causa mortis.<br>Conclusão: Acidentes peçonhentos são influenciados por fatores como diversidade de espécies, urbanização desordenada, desmatamento e clima. A maior morbimortalidade de meninos e pardos pode refletir o perfil populacional. O Sudeste apresenta mais casos graves, enquanto o Nordeste concentra o maior número total, o que pode ter relação com as espécies locais. A gravidade em crianças de 1 a 4 anos pode estar ligada à imaturidade imunológica, maior área corpórea proporcional à dose inoculada e fatores comportamentais, como exploração de ambientes sem supervisão, especialmente em locais vulneráveis. A baixa mortalidade pode decorrer do acesso oportuno à saúde, qualidade dos soros, atuação dos Centros de Informação Toxicológica e preparo das unidades. Chama atenção o baixo número de casos na região Norte, mesmo com vasta área florestal. A análise dos dados mostra ausência de informações que permitam avaliar o tempo-resposta do atendimento. Sugere-se aprimorar o sistema de notificações e realizar estudos regionais que considerem a distribuição dos acidentes em áreas rurais, urbanas e de ecoturismo, fundamentais para políticas públicas eficazes de prevenção e tratamento.